DA AUTORA DE
ESTUDA COMIGO?



CONTA COMIGO?

SÂMELLA BRIDGES

CONTA COMIGO?

SÂMELLA BRIDGES

Copyright © 2023 Sâmella Bridges

Segundo Conto da trilogia C(o)stomizei!

Ilustração de capa: KNS Design

Diagramação: Sâmella Bridges

Ilustrações do miolo: Canva Pro

Revisão: Ioná Raquel Núnes e Sâmella Bridges

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução dessa obra, no todo ou em parte, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para a Sâmella de 2016.
O baque pode ter sido grande, mas o nosso Deus é maior. Você vai ficar bem.

Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar.

JOSUÉ 1:9



Papai havia acabado de estacionar o carro quando senti o aroma suave de queijo chegar até mim. Da janela aberta do banco do passageiro, eu já sabia que mamãe estava preparando uma fornada de pães de queijo do jeitinho que eu gostava — também conhecido, naquele momento em específico, como que pedi para que eu e papai comêssemos quando chegássemos em casa. Nada como um lanchinho saboroso e que há algum tempo não vemos após uma parte da manhã e tarde resolvendo negócios em hospital, clínicas e órgãos do governo.

— Hoje alguém vai se esbaldar no pão de queijo, — papai brincou no carro antes que eu saísse correndo em direção aos meus tesouros! — deixa um pouquinho para mim também, viu, Anne!

— Vou pensar no seu caso… — zombei da porta, o cheiro ainda mais forte.

Passei por Guilherme na sala, bagunçando de leve seu cabelo entre protestos, jogando videogame, e seguindo para a cozinha. Mamãe estava lavando a louça e sorria quando olhou para mim.

— E aí, conseguiram resolver tudo? — indagou, desviando minha atenção do prato com pães de queijo ao lado do fogão. Suspirei, sabendo que devia primeiro fazer o relatório da missão antes de receber o prêmio.

— Se desconsiderar a longa fila de espera aqui e ali e uma rápida intercorrência no banheiro no final, é, deu tudo certo — sob o olhar já preocupado de mamãe, destaquei: — No caso, a intercorrência foi do papai, não minha.

— Falei para ele não comer mamão no café da manhã, sempre sobra para o banheiro depois — suspirou, enxaguando os últimos talheres da louça e limpando as mãos no pano de prato em seguida. — Coitado de quem tiver ido no banheiro depois dele. Mas, enfim, para

quando conseguiu a consulta com o Dr. Otávio?

— Com a agenda atual cheia, e já que ele não mandou colocar urgência, só tinha vaga para Novembro — tomei a liberdade de já ir lavando as mãos, antecipando o lanche — Mais tempo para eu me preparar psicologicamente para a colonoscopia até lá.

— Quem vê nem pensa que você já tirou esse exame de letra quatro vezes — apertou de leve o meu ombro. — E eu sei que o exame é a parte fácil, na verdade, você não gosta é da preparação para ele.

— Tem alguém que gosta? — Eu me perguntava depois de todos esses anos fazendo o exame. Não tinha como alguém achar aquilo de boa, por favor.

Mamãe riu, conferindo que os pães deviam estar mais frios e colocando alguns em um pratinho para mim. Pausamos a conversa enquanto ela separava mais alguns para meu irmão, e eu preparava um copo de leite com chocolate para acompanhá-los. Aproveitei para ver se o leite sem lactose estava acabando e anotei na caderneta em um ímã na porta da geladeira, para comprar na próxima vez que fôssemos ao mercado.

Na sala de jantar conjugada com a cozinha, sentei-me para lanchar e mamãe parou ao meu lado, querendo saber dos outros compromissos do dia.

A marcação da consulta havia sido apenas o primeiro deles, logo cedo, no hospital universitário. Em seguida, umas boas duas horas de espera na fila depois, fomos resolver algumas pendências do meu plano de saúde e dar entrada na unidade de distribuição de bolsas de ostomia da cidade, após quase quatro meses da mudança para cá. Felizmente, diferente da cidade anterior, eu não teria mais que comprar as bolsas — que eram caras e só vendiam em uma única farmácia, de qualquer forma — ou me sujeitar a uma viagem de três horas de carro, para pegá-las no município mais próximo.

Quem sabe agora minha mesada sobrava, e eu poderia economizar para comprar o Kindle com o qual eu tanto sonhava — principalmente depois que eu tive que me desfazer de tantos físicos com a mudança de cidade!

— Duas horas de fila na preferencial, nem imagino a que horas o pessoal da convencional foi sair de lá — papai comentou ao passar por nós para ir até a cozinha.

— Também não é pra tanto, até que tinha menos gente quando saímos — interpelei entre uma mordida e outra no pãozinho. — E uma mulher da convencional ainda chiou por eu pegar prioridade. Não sei por que ainda insisto nisso. Quando não dá bate-boca, o que mais tem é olhar de julgamento.

— Querida, você está usufruindo de um direito seu, não pode se deixar levar por essas pessoas. Até porque nós teríamos a mesma desconfiança uns anos atrás, infelizmente — mamãe apertou meu ombro com um sorriso sem-graça. — Nunca lembramos ou consideramos que por trás de situações assim existem deficiências invisíveis.

Só de pensar que aquilo era verdade, e que eu própria devia ter julgado outros direta ou indiretamente por motivos parecidos, me batia um peso na consciência. E a minha realidade nem era a mais invisível de todas, já que podia mostrar a bolsa para comprovar a quem ousasse duvidar dos documentos. E quem era autista, tinha baixa visão, ou coisa parecida? Algumas pessoas podiam ser muito maldosas com quem elas julgavam diferente ou que, nas palavras de muitas delas, “só querem chamar atenção”.

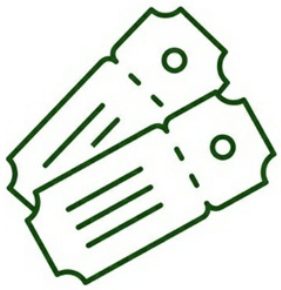
— Um pãozinho pela paz mundial, é pedir demais? — divaguei, segurando o último dos cinco pãezinhos que sobrara no meu prato.

— As pessoas têm muito o que aprender ainda, filha. E em vários termos, nós estamos incluídos nisso também, então, sim — papai afagou minha cabeça. — O segredo é não desistir. E não comer mamão no dia em que você precisar enfrentar algumas filas.

— É mesmo, senhor Roberto? Conte-me como chegou à essa conclusão… — Mamãe alfinetou de canto de olho o meu pai. Foi a vez dele me olhar de lado, murmurando baixinho:

— Anne, você contou para ela?

Dei de ombros, rindo ao levar o prato e o copo para a cozinha, ouvindo-os discutir sobre banheiros públicos e os perrengues intestinais de papai.



Não eram nem 21h, mas a correria do dia fora tamanha que o sono já começava a dar as caras. Esperei apenas o último episódio de Heartland da noite terminar, e logo me recolhi para dormir, ou ao menos tentar. Despedi-me dos meus pais e meu irmão, que iria rumar para o seu quarto também, e tomei um belo de um banho quentinho em meio ao típico friozinho de Junho — eu merecia, vai.

Um pouco desperta pelo banho, aproveitei para fazer meu devocional, que não conseguira antes por ter saído tão cedo. Apesar dos perrengues aqui e ali no dia, eu estava grata por ter conseguido resolver as questões propriamente ditas e já poder me ver um pouco livre de lidar com elas pelas próximas semanas. Gostava de pensar que todo dia e cada mínima coisa boa

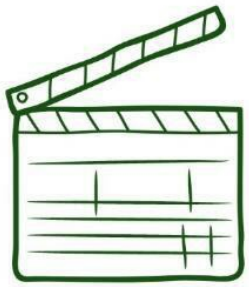
dele já era uma pequena vitória, com ou sem filas, com ou sem incidentes intestinais — a primeira aula de Química com Isaac bem provara isso, semanas atrás. Aliás, a tão temida prova teria o resultado revelado dali dois dias, e sair hoje para resolver essas questões também veio em boa hora para me ajudar a não pensar muito (ou quase nada mesmo) nela. A ansiedade e nervosismo já pairavam desde a realização dela há duas semanas, e mesmo após as explicações incríveis de Isaac, parte de mim ainda queria duvidar do meu êxito ali, mas sempre que esses pensamentos vinham, eu procurava entregar nas mãos de Deus. Sabia que havia me esforçado, sabia que era capaz. Não podia me deixar levar pela voz da insegurança.

Mas, é, falar era mais fácil do que fazer. Terminei o devocional com os pensamentos à mil sobre a prova, mas parecendo adivinhar que eu precisava de uma distração, uma notificação de Nanda me chamou a atenção para o celular.

Fernanda Gomes:
Pronta para amanhã? Passo aí umas 12h.

E aparentemente minha mente andava tão cheia que eu esquecera de amanhã. No início da semana, Nanda, que desde o episódio de distração para eu falar com o Isaac antes, com seu jeito descontraído, às vezes sem papas na língua e com os gostos mais ecléticos possíveis, que conseguiram bater aqui e ali com os meus — principalmente quanto aos livros —, havia se tornado uma boa amiga, e por vezes nos encontrávamos fora do colégio, visitando alguns sebos maravilhosos ou afins. A bola da vez era almoçar no shopping e ver o filme novo do Thomas Shott no cinema. O pai dela combinara de nos levar, e o meu iria nos buscar e deixá-la em casa ao final da tarde.

Admiti o esquecimento e confirmei que estava tudo certo, após uma rápida ida até meus pais (vai que eles tivessem esquecido também, mas não foi o caso). Ficamos conversando mais um pouco sobre as expectativas com o filme e tentando decidir de antemão onde iríamos almoçar lá, ficando entre duas opções finais. Foi quando o sono voltou com tudo para mim e, encerrada a conversa, adormeci, pronta para a distração e relaxamento que o dia seguinte prometia.



— Isso só pode ser uma brincadeira.

— A menos que você mude o nome do cinema, acho que não é, Nanda — sentei-me ao seu lado no banco, conferindo a hora no celular mais uma vez. 14h.

Começamos bem o dia, decidindo no carro entre os dois restaurantes da praça de alimentação do shopping que queríamos almoçar, para a felicidade da garota ostomizada aqui que não precisou dar a volta no espaço, já que o pai de Nanda pode parar direto na entrada mais próxima dela no estacionamento. Apesar de estar bem cheio, conseguimos uma mesa sem muita demora e desfrutamos de um bom almoço. Só na saída da praça, de bucho cheio, é que paramos para checar os ingressos do filme, e foi aí que os planos mudaram.

Aparentemente o cinema dali tinha uma parceria com um que ficava no shopping do outro lado da cidade, e dividiam algumas sessões no site, de forma que Nanda comprou, sem perceber, um ingresso para um horário no cinema errado. Agora tínhamos no mínimo mais uma hora e meia de espera até a sessão real do nosso shopping. Custara algumas ligações com nossos pais para informarmos a breve mudança de horários, e o gasto a mais de Nanda pelo site anteriormente, que ao menos o pai dela conseguiu pedir reembolso.

— Mas pensa pelo lado positivo, mesmo assim conseguimos uma sessão disponível para hoje. Você mesma disse que no site o outro cinema tava quase esgotado, não deve estar tão diferente nesse aqui — tentei confortá-la.

— Mas agora vamos ter de esperar quase duas horas para o filme. O que vamos fazer até lá? E se o almoço não cobrir essas horas extras o suficiente? — Exasperou-se.

Eu estava prestes a retrucar que esse era o menor dos problemas porque havíamos comido há pouco tempo, até que desviei o olhar para o outro lado da entrada do cinema e encontrei um par de óculos bem familiar. Uma olhada mais atenta e reconheci Isaac na fila da bilheteria. Acompanhei-o finalizando a compra e se aproximando de três garotas que pareciam mais novas, sentadas em outro banco.

— Mentira que o gênio do colégio tá aqui, em pleno dia de semana? — Fernanda o viu. — É, os gênios devem comemorar o resultado antes dele mesmo.

— A gente também tá aqui, Nanda.

— No caso, nós somos só esperançosas mesmo — brincou. — E para relaxarmos um pouco do nervoso com o resultado, é diferente. No meu caso, pelo menos, porque depois das aulas com ele, você ganha, no mínimo, um oito — sorriu, dando-me um empurrãozinho no ombro.

— É, pelo visto o almoço não vai ser suficiente para você, já está delirando — desconversei, rindo.

— Deixa disso, Anne. Aliás, bora aproveitar para falar com eles! — Sem me dar tempo para recusar, já foi levantando e saindo em direção à entrada do cinema.

Segui-a um pouco tímida, tanto por não esperar vê-lo justo hoje após quase uma semana sem contato, e mais ainda por ele estar acompanhado. Quem seriam aquelas garotas?

Antes mesmo de nos aproximarmos, ele próprio nos viu ao olhar para o lado. Sua expressão foi mista de surpresa e bom humor, para a alegria das borboletas em meu estômago. Sorri acanhada ao lado de Nanda, já se adiantando em puxar assunto.

— Não sabia que você gostava de comédia romântica — Nanda comentou depois de saber que ele iria ver o mesmo filme que a gente. — Também viemos ver essa.

— Eu gosto, mas não faço muita questão de ver no cinema. Vim dessa vez para acompanhar minha irmã aqui e as amigas dela — apontou com a cabeça para o grupinho um pouco distante de nós, rodeando o que parecia ser uma revista na mão de uma delas. — A Thalita é fã desse Thomas Shott.

— E os livros que originaram esse filme, ela conhece? Se o filme for metade do que eles são, ela vai sair amando esse cara mais ainda, olha o aviso — Nanda se dirigiu para falar com as meninas, que conversavam animadas.

Silêncio se fez entre Isaac e eu quando ela se afastou. Ficamos num vai e vem de sorrisos e olhares tímidos, observando as garotas ao longe ainda mais eufóricas com a participação de Nanda. Rimos quando uma delas soltou um gritinho em certo momento.

— É, pelo jeito minha mãe tinha razão quando disse que isso seria suficiente como presente de aniversário da Thalita — ele comentou de repente, observando a garota de cabelos acobreados, com os mesmos olhos verdes dele. — Ela fez 15 anos na semana passada e tava bem chateada por não ter tido festa. Fico feliz de tê-la animado com isso hoje — sorriu.

— 15 anos é uma data e tanto. Faz bem em ajudá-la a comemorar — encarei o grupinho, sorrindo de leve, lembrando dos meus próprios 15 anos num misto de emoções um tanto agridoces.

Havia se passado quase três anos desde a cirurgia na época. Aquele havia sido meu

primeiro ano mais confiante usando a bolsa e, para comemorar meu aniversário, optei por uma viagem em vez de festa. Seria um fim de semana num resort incrível em Costanza, cujo pacote havia sido feito pelos meus pais e os da minha prima Chloe para passarmos a data todos juntos. Seria um momento tanto de aniversário quanto familiar, e que eu esperava ser minha estreia de volta a frequentar piscinas.

Piscinas e praias eram uma constância na minha vida quando criança, mas por causa dos problemas de saúde aos dez anos, idas a lugares como aqueles ficaram escassas. O hábito que antes me fazia me sentir livre e aventureira na água exigiu uma série de cuidados iniciais que ofuscaram a magia da experiência para mim. Somado à auto-estima baixa, a coragem de usar maiô era ainda menor, e assim me afastei desse lazer, mas já estava mais do que na hora de voltar. O ano dos quinze havia sido diferente dos anteriores, e eu esperava que pudesse mudar a visão dos doze anos daquela vez.

O que ninguém fala, ao menos não com a frequência devida, é que até então o baque maior que eu tinha em viver com a bolsinha, era comigo mesma. Foi um início complicado em que eu me via de forma estranha com a bolsa, em que me achava feia usando um vestindo que antes amava ou uma calça minimamente mais justa, que deixava o contorno da bolsinha em leve evidência. Até então, era eu mesma quem colocava defeito e crítica maiores ao me encarar no espelho do dia-a-dia, mas ninguém me preparou muito para o momento em que, quando finalmente comecei a me enxergar de forma mais verdadeira e não acreditar mais na imagem distorcida que eu fazia de mim mesma, as outras pessoas é que fossem assumir o julgamento – e às vezes com tanto afinco.

Foram dois dias tranquilos no resort que antecederam um domingo em que uma mancha surgira na frente do meu maiô e eu decidira ir para a piscina com um biquini reserva que Chloe me emprestara. A garota que havia acabado de fazer 15 anos estava se achando corajosa para enfrentar os demais, afinal, era o último dia no resort mesmo. Ela só não contava que olhares de estranhamento e repulsa a acompanhariam até a escadinha, que sequer chegou a descer após passar o protetor solar, porque um funcionário apareceu para dizer que ela não poderia nadar.

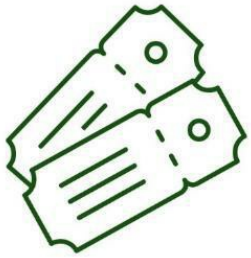
Aqueles minutinhos no escritório do clube “revistando” a bolsa e o discurso sobre não ser seguro eu entrar porque poderia deixar os demais banhistas desconfortáveis e até vulneráveis à bactérias e sujeira de fezes, por mais limpa e vedada que ela estivesse, pareceram durar horas, até meus pais me alcançarem lá dentro e começarem um verdadeiro bate-boca com a mulher. E o fim de semana de comemoração em família terminou num muxoxo para mim ao encarar o que viria a ser apenas a primeira entre outras situações de preconceito que me esperavam ao longo dos anos. Porque, sim, eu tinha direito de frequentar a piscina com ou sem bolsa exposta, contanto que ela estivesse vedada, limpa e segura à placa, para a minha segurança e dos demais, mas esses detalhes foram ignorados naquele dia.

— Terra para Annelise!

— O que? — Me voltei para Nanda, que me chamava junto a um beliscão de leve no braço. Ela estava de volta ao meu lado enquanto Isaac discutia algo com a irmã. — O que você falou? Eu não prestei atenção.

— Não diga nada, só me agradeça depois — riu baixinho. — Estava dizendo que já que os ingressos deles são para a mesma sessão que a nossa, poderíamos aguardar juntos até lá, no fliperama ou algo assim.

— Parece um bom plano — fiz minha melhor expressão de tranquilidade para disfarçar as borboletas que se agitavam em ver Isaac acenando e nos chamando para perto dele e o grupinho. — Vamos lá! — saí puxando uma Nanda ainda risonha pelo braço. De repente o erro da compra de ingresso não fora tão em vão assim.



O relógio de Nanda marcava 15h10min quando saímos da livraria e nos encaminhamos de volta para o cinema. Tinha sido nossa última parada após uma volta pelo fliperama, uma apresentação de piano perto da entrada do shopping e algumas olhadelas rápidas nas lojas de roupas. A irmã de Isaac e suas amigas estavam bem empolgadas e por vezes nos contagiaram em meio ao passeio, até pararmos na livraria com uma delas comprando o livro que havia dado origem ao filme daquela tarde, e que ela só havia descoberto por Nanda.

Foi bom vagar um pouco entre as estantes abarrotadas de livros e tanto descobrir lançamentos, quanto rever velhos conhecidos da literatura. Não pude resistir a levar, eu mesma, um livro para casa também, com um dinheiro extra que havia levado.

— Essa autora é ótima — disse Isaac, olhando de soslaio para o livro Cores, Flores e Amores, da Angélica Pina, na sacola em minhas mãos.

— Conhece ela também? — exclamei, pega de surpresa. Nós dois um pouco atrás de Nanda e as meninas, então elas não nos ouviram.

— Li outro livro dela, Lugar de Recomeço, por indicação da minha mãe. É um dos seus

livros favoritos, e entendi o porquê quando li. Bem tocante.

Diminuindo o passo brevemente, ele pediu para ver o livro mais de perto. Admirou a capa ilustrada por alguns segundos, passando os olhos pela sinopse atrás em seguida.

— Esse deve ser um lançamento, né?

— É sim, a vendedora disse que chegou na livraria há poucas semanas. Vai ser meu primeiro contato com essa autora, mas depois do que você falou, fiquei ainda mais animada — devolveu-me com a sacola.

— Me conta depois o que achou. Também vou avisar à minha mãe sobre ele — sorriu de volta, ajeitando os óculos que escorregaram de leve.

Voltamos a acelerar o passo para alcançar as meninas. A entrada do cinema já podia ser vista pela lateral direita do corredor, e quando chegamos lá, parecia ainda mais cheio do que mais cedo. Que bom que não precisávamos mais nos preocupar com o ingresso.

A fila da pipoca, porém, não estava muito diferente. Dois atendentes tentavam dar conta de duas filas consideráveis. Com o pedido combinado, Nanda se adiantou até a sala com as meninas, deixando-me com Isaac para pegar os lanches.

Ignorando as borboletas que montaram acampamento no meu estômago desde mais cedo (e fazendo um lembrete mental para agradecer às saídas estratégicas da Nanda depois), mostrei minha carteira de ostomizada e consegui fazer nossos pedidos com certa preferência. Levamos um pouco menos de tempo na fila, para a alegria da minha bolsinha que já começava a incomodar um pouco após tanto tempo em pé, rodando o shopping quase de uma ponta a outra. Não via a hora de voltar a me sentar, mas assumo o erro, eu havia me empolgado aquela tarde também.

Chegando à sala indicada no ingresso, abarrotados de pipocas, salgadinho e refrigerantes, logo fomos encontrados por Thalita que nos levou até onde as outras estavam sentadas.

— Só tinha duas pessoas entre os nossos bancos, então conversei com elas, e aceitaram trocar. Aproveita para sentar com o Isaac — Nanda sussurrou quando me sentei, aparentemente no lugar errado, porque ela se levantou e inventou uma desculpa qualquer para eu trocar.

Só não sei que *timing* terrível foi aquele que escolheram para passar o trailer de um filme de ação com algumas cenas de tiro que me pegaram desprevenida. Uma pisada em falso e lá estava eu entre o encosto de braço do assento e o colo do Isaac, suas mãos amparando-me de leve enquanto ele piscava ferozmente. Ainda bem que as luzes estavam apagadas, ou ele e metade da sala, no mínimo, poderiam flagrar o rubor nas minhas bochechas. Ajeitei-me depressa, agradecendo com um sorriso amarelo igualmente correspondido, e sentei-me, tentando não pensar muito no que havia acabado de acontecer.

— Você sabe que me referi a se sentar ao lado do Isaac e não no colo dele, né? Só para

o caso de não ter sido muito clara…

— Fernanda! — Me exaltei, recebendo um “silêncio, o filme vai começar” de alguém da fileira de trás. — Desculpem! — Onde que eu me escondia agora, Jesus?

Minha amiga ficou rindo baixinho, e eu internamente a acompanhava, notando que pelo menos as meninas ao lado dela nem pareciam ter notado nada, entretidas em dividir a pipoca, diferente de Isaac, de quem achei ter ouvido um risinho. Sorri, observando cada um em seus assentos de relance e, com a cena de abertura do filme rolando, relaxei no assento e a história se desenrolou.

Entre salgadinhos e uma ou outra pipoca roubada do pote de Isaac, que me oferecia de vez em quando, acompanhamos Thomas Shott interpretando um jovem universitário fazendo juras de amor por sua amada em um momento, para logo ser traído por ela em outro. Desiludido do amor, mergulha em trabalhos como professor em um centro infantil, onde ele pensa que será o mais próximo que chegará de ser uma figura importante para as crianças, já que não se vê mais conseguindo constituir uma família no futuro. E então esbarra numa garotinha tão problemática quanto a própria mãe, solteira, e na busca de ajudar a garota, o amor volta a surgir na vida dele com a mãe da menina.

Um verdadeiro suco de clichês, que sendo bem sincera, olhando por cima eu poderia passar longe, já imaginando que a história fosse apelar, cedo ou tarde, para alguma pegação sem pé nem cabeça, mas conhecendo o histórico do ator, que se dizia um romântico de carteirinha e muito tradicional, decidi arriscar. O filme também estava registrado como sendo para maiores de doze anos, então seria no mínimo propaganda enganosa se mostrasse mais do que “deveria”.

E algo me dizia que Isaac compartilhava da minha opinião. Isso ou os olhares flagrados em direção à sua irmã, a expressão meio fechada e quase deixar a pipoca cair de tão distraído, a cada cena que poderia se desenvolver para algo mais aparecia em tela eram meras coincidências? E o modo como seus ombros caíam de súbito, e ele soltava um suspiro quando as tais cenas não avançavam para nada demais? Ah, essa proteção de irmão mais velho. Parecia eu mesma quando analisava os jogos que meu irmão pedia de aniversário, para ver se eram adequados para a sua idade. Só que no Isaac ficava ainda mais fofo…

— …Tudo bem para você, Anne?

Espera aí, quanto tempo eu fiquei longe dessa vez?

— O quê? — prestes a levantar do assento, encarei Nanda sem entender nada — Aonde você vai?

— Uma das amigas da Thalita pediu para trocar comigo, parece que o ar-condicionado tá bem forte nas costas dela, e eu até que tô com calor mesmo. Tudo bem para você?

— Ah, tá, sim — devia compartilhar do mesmo gene friorento que minha mãe. Era uma das poucas razões para não virmos em família ao cinema com mais frequência.

Troca feita, o filme seguiu até pouco mais da metade. As coisas pareciam estar progredindo entre o mocinho e a garotinha, mas conhecedora dos clichês que sou, já podia esperar uma bomba acontecer a qualquer minuto para abalar os personagens antes de chegar ao sonhado final feliz (se é que havia um, eu não tinha lido a duologia inteira para saber ao certo). Quando um mal-entendido aconteceu entre ele e a mulher, dava para sentir a tensão pairando por toda a sala. Sussurros de desespero de uns com medo de o casal não se resolver, uma ou outra teoria do que aconteceria a seguir, e até um rapaz na fileira da frente começando a falar sobre como era no livro e sendo imediatamente calado pela namorada ao lado porque ela não queria ouvir spoiler.

— Será que eles se resolvem? Não parece ter mais do que vinte minutos para o filme acabar e nada até agora — Isaac comentou baixinho, os olhos vidrados na tela, mas a boca tão próxima do meu ouvido que eu senti um leve arrepio.

— Mas vão. Digo, eles tem que se resolver se for assim no volume dois, ou esse diretor vai ser processado pelos fãs do livro — ri baixinho, imaginando a cena que seria feita dali a pouco se o final não agradasse os fãs que já estavam naquela sala.

— Você não leu os livros? — Olhou-me com uma pintinha de curiosidade.

— Só o primeiro. O segundo estava meio devagar, então parei. Dependendo do final do filme, quem sabe agora eu me anime para retomar e finalizar a duologia de uma vez.

Ele sorriu, novamente ajeitando os óculos no rosto. Voltamos a prestar atenção no filme, com mais uma roubadinha das pipocas de Isaac, que já estavam no final. Dividi um pouco dos meus salgadinhos para desencargo de consciência gulosa, e rimos durante essa troca, até que, enfim, a tão esperada cena do “é agora ou nunca” chegou.

Os protagonistas se encontraram numa situação bem complicada. Ambos preocupados com a garotinha, que havia sofrido um acidente ao desobedecer à mãe, indo procurá-lo no centro, e agora estava em estado crítico no hospital. A mulher começa a jogar a culpa nele, depois na filha, até que em si mesma e desaba aos prantos, levando a sala inteira a mergulhar num silêncio com apenas os soluços dela de fundo. Estamos vidrados na tela, na postura do ator que consegue interpretar tão bem o misto de emoções que está sentindo ali e a vontade de consolá-la como alguém distante ou se juntar à sua dor de mãe como se ele mesmo fosse o pai da menina.

Alguns flashbacks se desenrolam, para o desespero de alguém na fileira de trás que reclama que faltam menos de dez minutos para o filme acabar, mas logo retornam ao personagem se dando conta de que não importa o desentendimento de antes, ele a ama e não consegue suportar vê-la sofrer. Pelo menos, não sozinha.

E como se fosse combinado, o cinema inteiro se cala junto com o filme que some com os sons dos passos do rapaz indo até a protagonista, sentada no chão do corredor hospitalar. Perto, mais e mais perto da mulher. É quando ele se agacha ao lado dela, lágrimas escorrendo

pelo rosto dele, e toca a cabeça dela com uma das mãos, acariciando seus cabelos de leve. Ela ergue a cabeça, seus olhos e nariz estão vermelhos, e há uma dúvida em seu olhar que logo parece ser dissolvida, quando ela pergunta:

— Tem certeza disso? Que quer fazer parte dessa bagunça que é a minha vida?

Meu olhar está vidrado na tela, agora focando no mocinho e finalmente em um ângulo que dá para vê-los de frente um para o outro.

E eis que a bomba explode.

Calma, não literalmente.

Mas tampouco podia chamar de figurativo.

Aparentemente a cena de tiros que havia me desnorteado de leve mais cedo havia inspirado o meu estoma a fazer o mesmo, porque, olha, que belo *timing* foi esse para ele soltar gases tão altos justo quando a sala toda estava num completo silêncio? Só comigo que essas coisas aconteciam mesmo. Ou não, mas isso não vem ao caso agora.

Felizmente o *timing* dessa permitiu, ao menos, que a resposta do mocinho viesse justamente para atrair a atenção de volta da galera. Ao menos, a maior parte dela — sim, essa é para você, pessoa que estava sentada na fileira de trás e reclamou do fedor inexistente com tanta veemência. Se eu não soubesse que havia saído da minha colostomia, teria tido uma boa desconfiança de que fora ela própria.

Enfim, a boa notícia é que o mocinho havia respondido não apenas que “sim”, mas com direito a um belo de um beijo, que foi brevemente interrompido por um médico falando sobre uma melhora no quadro da menina, e que fez os dois pombinhos se abraçarem forte de alegria e esperança. Mais um beijo na conta, e corta para a má notícia de que não apenas o diretor como também o roteirista podem levar um processo dos fãs ainda por nem dar uma única chance de ver mais do casal resolvido e em clima de família feliz. É, vou acabar retomando o segundo livro à procura de um final mais satisfatório nesse ponto, mas valeu a experiência.

— Porque os finais correm tanto nos filmes? Queria ver mais deles como uma família — Thalita resmungou, ao sairmos da sala.

— Por isso eu prefiro mais os animes — Isaac provocou, abraçando a irmã de lado, que o empurrou de leve com o ombro.

— E não foi você quem chorou de raiva com o final de Your Name?

Ele retrucou meio na defensiva e bagunçou o cabelo dela, que fugiu dele, rindo. Era engraçado observar a dinâmica dos dois, e a forma mais despojada de Isaac interagindo com ela, tão diferente do jeito mais sério e centrado nos estudos do colégio. Já íamos para a saída do cinema quando uma das amigas de Thalita pediu companhia para ir ao banheiro. Depois dos gases de antes, já podia sentir a bolsinha um pouco cheia de ar, então me prontifiquei para ir com ela e combinamos de encontrar os demais perto da bilheteria.

O banheiro era espaçoso e todas as suas oito cabines se encontravam vazias, de forma que logo a menina, chamada Laura, entrou em uma delas. Parei à frente do espelho para arrumar o rabo de cavalo que começava a afrouxar um pouco e então me aproximei de uma das cabines vazias. Baixei a calça jeans e peguei a bolsinha, abrindo apenas um pouco dela para escapar o ar e logo fechei-a de volta. Nesse momento, a porta principal se abriu e duas mulheres entraram.

— Anne? — Laura chamou de repente. Quando me aproximei de sua cabine, ela pediu: — Pode pegar um papel higiênico de outra cabine para mim, por favor? O daqui acabou.

— Ah, tranquilo! — sorri pela fresta em que seu rosto me encarou, acalmando-a pelo embaraço da situação. Sem sair dali, apenas retirei o pacote de lencinhos umedecidos que sempre carregava comigo na bolsa. — Lencinhos são bem melhores.

Ela agradeceu, o alívio nítido em seu semblante antes de fechar o restinho da porta. Afastei-me até o espelho novamente para esperá-la e encontrei as duas mulheres ainda lá. Entretidas na conversa, não pareceram notar minha aproximação de imediato ali, mas certamente o haviam feito no cinema.

— Mas, sério, você ouviu aquele barulho? Eu teria ficado morta de vergonha, no lugar dela — a ruiva comentou ao mesmo tempo em que fazia um malabarismo impressionante para reaplicar o gloss nos lábios.

— Sem falar no odor que deve ter ficado, né? — A outra comentou, passando a mão molhada nos cachos escuros tentando baixá-los. — Nem para dar uma licença e vir ao banheiro, coitado de quem tava sentado ao lado dela.

É engraçado como as pessoas falam as coisas sem o menor pudor ou receio de magoar alguém que pode estar por perto para ouvir sem que elas percebam. Que dirá o que comentam no sigilo quando tem certeza de que estão sozinhas, então…

Tudo bem que naquele caso em específico elas nem deviam me reconhecer, muito menos que, no fim das contas, não se tratava de gases saindo ao modo natural — sem levar em consideração que, mesmo nessas circunstâncias, não faz nada bem tentar prendê-las de sair. Se há algumas semanas eu havia ficado surpresa com a reação tranquila de Isaac em pleno um vazamento da bolsa, infelizmente eu já estava acostumada com reações como a daquelas moças por muito, muito menos. Afinal, quem nunca soltou um pum que atire a primeira pedra.

Te garanto que até a minha falecida cachorrinha, a Lola, fazia isso até demais.

Quando Laura saiu do banheiro, eu já havia me aproximado propriamente do espelho de novo, e as mulheres haviam saído. Ela me deu mais um sorriso de agradecimento e, enquanto lavava as mãos, parou por um segundo, me olhando direto do reflexo na parede.

— Annelise… Posso te perguntar uma coisa? — assenti, curiosa com a pergunta inesperada. — Aquelas mulheres de antes… estavam falando de você?

Encarei-a meio desprovida de respostas rápidas.

— Er… acho que sim — confirmei, sem saber aonde ela queria chegar. — Por que a pergunta?

Ela fechou a torneira da pia e tateou um pouco em busca do secador de mãos ao redor, parecendo meio nervosa.

— É só que… As gases, os lencinhos… O que foi tudo isso mesmo?

Um riso genuíno escapou dos meus lábios. Ela voltou a me encarar, confusão em seu semblante agora.

— Olha, eu sou de uma série anterior à Thalita e a Klara lá fora, não sei se isso significa muita coisa, mas eu não entendi o que aconteceu ali. E nem aqui.

Por uns segundos, vi como poderia ter sido para a Anne de doze anos numa situação igual. Ingênua e pouco conhecedora de certas realidades, como parecia ser o caso de Laura, eu facilmente passaria por boba nessas horas.

— Não é nada demais, não. É que eu fiz uma cirurgia e tenho uma colostomia. Digamos que o número dois não sai da forma convencional para mim — levantei um pouco da blusa, mostrando a bolsinha de relance, com direito a capinha e tudo.

— Estampa de livros? — Ela reparou, sorrindo rapidamente. E então voltou a ficar meio séria: — Mas isso dói? Tipo, quando sai gases daquele jeito, ou quando… você sabe. Nunca tinha ouvido falar sobre isso — sua curiosidade chegava a ser fofa, de tão sincera.

— Ah, não dói, não. Eu só meio que sinto quando sai, às vezes, mas em geral eu até me esqueço que ela existe — dou de ombros, pegando o pacote de lencinhos que ela lembra de me devolver e já guardando ele na bolsa. — Foi uma descoberta e tanto quando eu soube que precisaria usar uma dessas, também nunca tinha visto nada igual.

Ela assentiu levemente e olhou de relance para a porta. Viu que ainda estávamos sozinhas ali. Mordeu o lábio inferior por um segundo, e eu já sabia a pergunta que viria antes mesmo de proferi-la.

— Não te… incomoda essas reações das pessoas? — E tão logo ela completou, os olhos arregalados de súbito: — Ai, que cabeça a minha, eu mesma estou reagindo assim na sua frente… Desculpa, desculpa mesmo!

Um sorriso de canto apareceu nos meus lábios. Ah, se soubesse que uma simples curiosidade sincera como a dela não era nada comparado às reações de antes… Aquelas, sim, eram amargas de engolir.

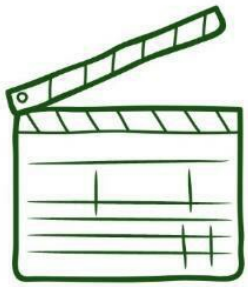
— Ei, tá tudo bem! Não precisa se preocupar. Se metade das reações fossem como a sua agora, de uma dúvida real e de forma simples, de verdade, eu não teria passado tanto tempo aprendendo a engolir sapos como aquele, sabe — dei um aperto de leve em seu ombro. — Diante do que não conhecemos, é normal não termos uma reação muito concreta ou centrada. Não sendo rude ou incômodo se perceber que a pessoa não está confortável para falar à respeito, a

curiosidade sincera é bem-vinda. Situações como a daquelas moças acontecem por falta de interesse nesse e em outros tipos de informação, entende? E um pouco de educação nunca é demais, também.

— Ah, faz sentido, sim! — foi a vez dela sorrir, provocando um quentinho gostoso no meu coração por perceber que, sem esperar, havia acabado de conscientizar alguém tão jovem, mesmo que apenas superficialmente, sobre aquilo que o meu próprio "eu" desconheceria se não tivesse passado pelo que passei até ali. E eu agradeceria a quem fizesse o mesmo comigo, se fosse o caso hoje.

Saímos do banheiro ainda conversando sobre o assunto, ela com mais dúvidas que logo se estenderam para um debate maior quando contou que uma prima, vez ou outra, então cadeirante, passava por vários absurdos no dia-a-dia também. E foi no meio desse papo acalorado que encontramos o pessoal na entrada do cinema, Nanda batendo os pés no chão até nos encontrar em meio à multidão e mesmo de longe gritar um "Que demora foi essa, hein? Já estava ficando preocupada!". Rimos e logo nos juntamos a eles, compartilhando um pouco do papo anterior enquanto nos encaminhávamos para a saída do shopping, com direito a troca de redes sociais e tudo com Thalita e suas amigas, que haviam se mostrado tão divertidas.

E foi assim que, apesar de um comentário maldoso ou outro no meio do caminho, Deus fez presente pessoas como Laura para nos minar com o ânimo oposto ao das outras duas, e, entre borboletas no estômago e conversas leves e necessárias, a tarde de cinema foi melhor do que eu esperava, ao ponto de eu esquecer completamente o nervoso com o resultado da bendita prova de Química no dia seguinte.



Vinte e dois passos.

Não parecia muito, mas naquele momento, era a distância que me tiraria do limbo de se estaria segura ou com um pé já na recuperação de Química Orgânica. Isso, se eu tivesse coragem de ir até o mural da classe para ver o resultado.

Era tarde demais para querer voltar para a tarde no cinema do dia anterior?

— Tem certeza de que não quer que eu vá checar para você? Já faz uma meia hora que você estancou nesse corredor, tá me assustando — Fernanda insistia ao meu lado, provavelmente já querendo ir ver o dela própria, mas me dando apoio moral mesmo assim.

O colégio tinha aberto às 08h naquela sexta-feira antes das aguardadas férias de Julho, e a ansiedade e nervosismo se alternavam em mim, só não mais tão latentes devido à espairecida mais que merecida no shopping. Felizmente eu havia conseguido me distrair e, apesar da bronca com essa matéria desde alguns meses atrás, havia aproveitado, em contrapartida, o fruto daquele perrengue, que vinham sendo as amizades, talvez as primeiras nesse colégio novo, portanto, me sentia grata.

Desde Nanda, de quem me aproximei aos poucos, até o Isaac que, suspiros e borboletas no estômago à parte, tanto fora incrível nas nossas aulas quanto ainda mais simpático e amigo do que eu já imaginava que ele o era. Com o tempo ora dividido entre eles ou com os dois ao mesmo tempo na escola, aqueles meses vinham sendo tão bons que, com a prova, eu esperava ficar fora da linha de recuperação e eventual reprovação e ainda fazer daquilo um agradecimento indireto à amizade que eles vinham me oferecendo mesmo depois de um início meio incomum.

Foi pegando coragem nesses pensamentos e lembranças que, enfim, dei o primeiro passo que logo viraram outros mais apressados até a sala. De repente eu estava tão focada em saber o veredito que nem notei se Nanda me acompanhava.

E lá estava, impressa em folhas A4 pregadas à lousa, as aguardadas listas de aprovados e de recuperação.

Eu olhei para ela. Ela olhou para mim. Diria até que rolou uma química, se não fosse soar muito piada de tio do pavê. Então vi meu nome e… estanquei. De novo.

— Ei, Anne! Tava te procurando lá embaixo, pensei que já tinha ido embora de tanto que demorei na secretaria. Como foi?

Baixei levemente a cabeça, pega de surpresa pela chegada repentina de Isaac e a expectativa em sua voz, seguido por uma Nanda ansiosa ao seu lado.

— E aí, quanto você tirou? — Ela repetiu sem sair do lugar.

Dei outra olhada de relance no meu nome na lista.

Quanto eu tirei, vocês perguntam? Bem…

— Um verdadeiro peso dos meus ombros — sorri, finalmente olhando para eles.

Confusão estampou o rosto de Isaac até a reação de Nanda fazê-lo entender.

— Você conseguiu?! Ah, era isso que eu queria ouvir!

Nanda me agarrou num abraço de urso toda empolgada! Eu comecei a rir, contagiada pela sua alegria e com a ficha enfim caindo, com um nove bem bonitinho, prestes a entrar no meu boletim. Pulamos parecendo duas malucas na frente do mural, chamando a atenção dos que

passavam nos arredores.

— Nem acredito, ainda mais com um nove! — Me peguei ainda aérea de felicidade após ela me soltar.

— Com todo aquele empenho você merecia até um dez, Anne! — Ela continuava agitando, ainda sem nem ver a nota dela própria também.

— Sabia que você conseguiria, Annelise! — Isaac se fez ouvir, ainda parado no mesmo lugar, agora com um sorriso que ia de orelha à orelha. — Meus parabéns!

— Eu tinha que fazer jus ao professor incrível que eu tive, né? — soltei sem pensar, ligeiramente inebriada pelo misto de felicidade e o calor de sua aproximação ao me abraçar em seguida, meio sem jeito.

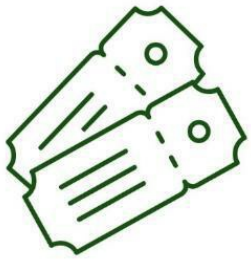
Mesmo de costas sentia seu sorriso, mas acompanhado de um calor a mais. Afastei-me um pouco, encontrando seu rosto corado como um tomate tal qual o meu também devia estar, e de repente entendi as mocinhas dos filmes e livros de romance que ficavam sem reação diante do garoto de seus sonhos e até então muito me irritavam. É, o poder dar borboletas no estômago era real…

E, sendo sincera, até momentos antes eu sentira um receio, lá no fundo, de que aquilo tudo fosse temporário. Diferente de Nanda, que eu já vira antes e depois interagindo com alunos de todas as séries e turmas, sem sentir a necessidade de ter um grupo fixo, Isaac ainda se via com mais frequência rodeado por outros amigos, dos quais me contara, certa vez, serem do clube de robótica do qual participava desde que fora fundado na escola, já há alguns anos, então eu me pegava pensando se aquela amizade não estaria fadada a se esvair conforme a “missão” fosse cumprida.

A tarde anterior no cinema, contudo, havia desestabilizado esse receio. E naqueles segundos em que nos olhamos, bem ali, na sala de aula, mais ainda, o brilho em seu olhar tão genuíno quanto o sorriso de antes, me dizia ser mesmo o contrário.

Mas isso, com certeza mesmo, só o tempo iria dizer. E junto a tantas outras coisas, eu ia esperar, sobretudo em Deus, para ver no que ia dar.

Enquanto isso, a voz de Nanda ecoando ao fundo, feliz com o 8,7 que havia tirado, e um ou outro aluno entrando na sala para checarem os próprios resultados, por fim, nos afastaram. E antes que nossa amiga se aproximasse de nós, nos agitando rumo às tão sonhadas férias, senti Isaac entrelaçar suas mãos com as minhas, e o coração antes nervoso e ansioso se desfazer em gratidão por aquele momento como um todo.



Isaac Oliveira:
Parada! Você está detida por influenciar as notas da prova de português!

Annelise Fontes:
Hein? Isso é algum…

Isaac Oliveira:
Digo, pelas minha nota em português!

Annelise Fontes:
…trote?
Tá, né.

Isaac Oliveira:
Espera aí, Anne!
É só que… aaah! Fui tão mal assim na brincadeira?

Annelise Fontes:
Depende. Era para eu tomar um susto ou ficar bugada?

Isaac Oliveira:
Eu falei que minha interpretação de texto era ruim, mas juro que não é tão nesse nível!
Aliás, é sério sobre a influência. Nas minhas notas. Saí de um 7,8 para um 9,1!

Annelise Fontes:
Gênios são gênios, não é? rsrsrs
Mas, de verdade, parabéns por isso! E obrigada por confiar seu cérebro de humanas à minha pessoa também!

Isaac Oliveira:

Bem, eu tinha que fazer jus a professora incrível que tive. *sorriso*

Annelise Fontes:
Belo uso de paráfrase. Só cuidado para não virar plágio.

Isaac Oliveira:
Nunca, eu tenho uma imagem à zelar.
Mesmo depois do fiasco da isomeria.

Annelise Fontes:
Ah, você nunca vai esquecer disso???

Isaac Oliveira:
Não mesmo. Eu não brinco com meus compromissos. Ainda vou te fazer dominar as aulas de Química.
Até lá… espero que possa guardar o sábado à noite.

Annelise Fontes:
Humm…
Algum motivo em especial?

Isaac Oliveira:
Não sei. Mas vai que alguém (es) te (ja) convida (ndo) para sair?

Annelise Fontes:
E o aluno acaba de superar o professor…

AGRADECIMENTOS



Agradecimentos

O quarto conto publicado chegou e com ele mais uma sessão de agradecimentos, e o primeiro deles, novamente, não podia deixar de ser ao Deus da minha vida, Aquele que possibilitou cada mínimo à máximo detalhe da minha vida e me fez nascer e crescer tão amiga das palavras. À Ele toda a honra e glória sempre!

Agradeço também aos meus pais, Iranete e Luiz, pelo apoio e incentivo de sempre. Dona Iranete principalmente pelos puxões de orelha me mandando ir escrever. Obrigada por além de mãe, ser também minha melhor amiga!

Aos tios e tias, primos e primas, que de forma indireta ou direta ajudaram nessa caminhada, meu muito obrigada também! Um destaque especial para a Samarah, porque, depois de Deus na minha vida, sem você eu não seria a escritora que sou hoje.

Um agradecimento especial às leitoras-betas dessa história que ajudaram ainda mais na conclusão e segurança dela, Gleize Costa e Letícia Mateuzi! De colegas de profissão que admiro muito, obrigada mesmo por seus comentários, apoio e carinho desde o lançamento do primeiro conto!

E por fim, mas definitivamente não menos importante, você que está lendo isso! Um autor não se faz sem leitores, e os comentários de vocês, dos elogios às críticas construtivas, me ajudam real a melhorar a cada vez, então fica aqui o meu muito obrigada!

GOSTOU DA LEITURA?

Não esqueça de deixar uma avaliação na Amazon, Skoob ou Goodreads! Seja apenas com estrelas e/ou comentário, eles me ajudam e incentivam muito a continuar escrevendo! Obrigada de novo desde já!

SOBRE A AUTORA

Sobre a Autora



Nascida em 1997 no centro de Natal/RN, **Sâmella Bridges** gosta de criar histórias desde pequena. Fosse brincando com bonecas ou jogando The Sims 2, fantasiava mil universos e personagens, e não demorou a começar os primeiros escritos num computador velhinho. É uma romântica assumida, tanto para os livros quanto para os doramas, mas também ama uma boa comédia e eventuais dramas familiares e de formação. Cristã desde o berço, se encontrou tanto como leitora quanto escritora na ficção cristã, vez ou outra também inserindo outras pautas com que se identifica, como em sua trilogia "*C(o)stomizei!*", cujo primeiro conto, **Estuda Comigo?**, já conta com mais de 400 avaliações na Amazon.

Fique à vontade para procurá-la nas redes sociais e ficar por dentro de seus próximos projetos, puxar um papo sobre tudo isso de assunto e muito mais, em @autorasamellabridges no Instagram e @samellabridges no Twitter e Tik Tok.

LEIA TAMBÉM...



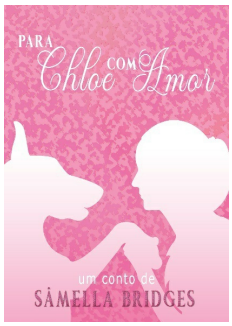
Leia Também...



Estuda Comigo?
C(o)stomizei! #1
Classificação Indicativa +12

Entre ser boa em humanas e mediana nas exatas, Annelise Fontes preferiria pelo menos uma vez na vida, tipo agora, ser aceitável na área de biológicas! Mas já que isso não é possível, ela resolve fazer do limão uma limonada e pede a ajuda de Isaac Oliveira com os estudos de Química Orgânica. Poderia o que começou como um encontro de estudo com um potencial crush se tornar algo mais?

Para Chloe, com amor
Classificação Indicativa +12



Chloe é perdidamente apaixonada por Ramon e há tanto tempo que parecem que eles fazem parte um do outro. Cada decisão é tomada em conjunto, mas quando Ramon faz algo que Chloe não aprova, esse amor é colocado em risco por uma ameaça que não tem a forma imaginada, mas que, assim como ela, merece o amor dele.



Fan Meeting You: Um conto de K-Pop
Classificação Indicativa +10

Kang Sung Kyu não gosta muito da ideia de acompanhar sua irmã caçula no *fanmeeting* do grupo que ela tanto ama, mas o que parecia pura obrigação de irmão logo vai ganhando cor e melodia em meio à música e um sorriso doce que surge na multidão de fãs e que o conquista por completo no final.

SUMÁRIO

Conta Comigo?
Agradecimentos
Sobre a Autora
Leia Também...